

CAPÍTULO 11

AVALIAÇÃO DA LAGOSTA *Enoplometopus antillensis* LÜTKEN, 1865 (DECAPODA: ENOPLOMETOPIDAE)

**Luis Ernesto A. Bezerra, Luis Felipe A. Duarte, Marcelo A. A. Pinheiro,
Michel T. Angeloni & Petrônio A. Coelho** (in memoriam)

Palavras-chave: ameaça, *Enoplometopidae*, extinção, impacto, lagosta.

Introdução

A família *Enoplometopidae* é constituída por espécies de lagostas que possuem um corpo cilíndrico, rostro e olhos bem desenvolvidos, antenas relativamente longas, primeiro par de apêndices locomotores alongados formando os quelípodos e do segundo para o quinto par, formando os “falsos quelípodos” (menores). O abdome é bem desenvolvido, enrijecido, com a pleura arredondada e em alguns casos apresentando espinhos. As espécies pertencentes a este grupo apresentam cores brilhantes e atrativas, como, por exemplo: laranja, vermelha, roxa e/ou branca, com conspícuas manchas e, em algumas espécies, apresentando também listras (Melo, 1999).

Em países de língua inglesa as espécies pertencentes a essa família são conhecidas popularmente como “dwarf reef lobster” e “red reef lobster”, em Portugal como “lagosta recifal de fogo”, e no Brasil como “lagosta palhaço” (Melo, 1999; Chan & Wahle, 2011). Os *Enoplometopus* spp. foram classificados inicialmente na família *Nephropidae* por Dana (1852), e transferidos depois para a família *Axiidae* por Huxley (1879). Finalmente, de Saint Laurent (1988) erigiu a família *Enoplometopidae* para incluí-las (Chan, 2010). De fato, existe uma carência de conhecimento sobre as espécies pertencentes ao grupo mesmo em âmbito mundial. No Brasil, o status de conservação da espécie *Enoplometopus antillensis* Lütken, 1865, foi avaliado na reunião do ICMBio, ocorrida em 2010, sendo, portanto, apresentado neste capítulo.

Não houve modificação nos últimos cinco anos da taxonomia de *E. antillensis*, mas a espécie já foi denominada *Enoplometopus dentatus* (Miers, 1880) (sinônimo primário) e *Hoplometopus antillensis* (Lüken, 1865) (sinônimo secundário) (Chan, 2010).

Distribuição Geográfica

A espécie ocorre no Atlântico Ocidental - Bermuda e Flórida até a Venezuela e Brasil (do Ceará até o Rio de Janeiro, incluindo o arquipélago de Fernando de Noronha e o Atol das Rocas) (Fausto Filho, 1970; Melo, 1999; Coelho et al., 2007). Atlântico Central - Ilhas de Ascensão e de Santa Helena. Atlântico Oriental - desde a Ilha da Madeira até o Golfo de Guiné (Calado, 2006; Gregati et al., 2006).

Habitat e Ecologia

Não se conhece muito a respeito da ecologia de *E. antillensis*. Em sua área de ocorrência conhecida, a espécie habita preferencialmente a região da linha da baixa-mar até a profundidade aproximada de 200 metros, mas com poucos registros em isóbatas maiores que 30 metros. Durante o dia, se oculta em cavidades no ambiente recifal (Melo, 1999). Os estágios larvais iniciais desta lagosta tropical foram descritos por Abrunhosa et al. (2007) que constatou um período de intermuda para cada estágio de cerca de oito a doze dias.

Giraldes et al. (2012), estudando a composição dos crustáceos decápodos nos recifes de Porto de Galinhas, Pernambuco, Brasil, através de senso visual, registrou essa espécie como rara e de baixa abundância.

Biologia Geral

Não existem ainda informações sobre sua(s) população(ões).

Ameaças

A principal ameaça conhecida é a coleta de exemplares em ambientes naturais para aquarismo, principalmente nas regiões menos profundas de sua área de ocorrência e, portanto, mais acessíveis aos mergulhadores. Assim, sua distribuição batimétrica aliada à existência de inúmeras cavidades nas regiões mais profundas de sua ocorrência (que servem de abrigo para os espécimes), contribuem para colocar fora do alcance da grande maioria dos mergulhadores (Coelho et al., 2007).

Ações de Conservação

Até o momento, não existem ações de conservação específicas direcionadas para esta espécie. Entretanto, *E. antillensis* provavelmente ocorre em algumas

UCs marinhas estabelecidas como, por exemplo: APA da Costa dos Corais; Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha; Parque Nacional Marinho de Abrolhos e Rebio Atol das Rocas, etc.

Pesquisas Necessárias

Existe uma carência de informações sobre a biologia básica e ecologia da espécie *E. antillensis*, sendo, portanto, necessário o desenvolvimento em caráter de emergência, de quaisquer estudos que esclareçam o seu ciclo reprodutivo e a sua dinâmica populacional no Brasil.

Bibliografia

- Abrunhosa, F.A.; Santana, M.W.P. & Pires, M.A.B. 2007. The early larval development of the tropical reef lobster *Enoplometopus antillensis* Lütken (Astacidea, Enoplometopidae) reared in the laboratory. *Revista Brasileira de Zoologia*, 24(2): 382-396.
- Calado, R. 2006. Marine ornamental species from European waters: a valuable overlooked resource or a future threat for the conservation of marine ecosystems? *Scientia Marina*, 70(3): 389-398.
- Chan, T.Y. 2010. Annotated checklist of the world's marine lonsters (Crustacea: Decapoda: Astacidea: Glypheida. Achelata, Polychelida). *The Raffles Bulletin of Zoology. Supplement* (23): 153-181.
- Chan, T.Y. & Wahle, R. 2011. *Enoplometopus antillensis*. In: IUCN 2011. IUCN Red List of Threatened Species. Version 2011.2. <www.iucnredlist.org>. [Acessado em 21/09/2016].
- Fausto-Filho, J. 1970. On the Occurrence of *Enoplometopus antillensis* Lütken, 1865 (Decapoda, Nephropidae) on the Brazilian Coast. *Crustaceana*, 18(1): 55-59.
- Coelho, P.A.; Almeida A.O.; Bezerra L.E.A. & Souza-Filho J.F. 2007. An updated checklist of decapod crustaceans (infraorders Astacidea, Thalassinidea, Polychelida, Palinura, and Anomura) from the northern and northeastern Brazilian coast. *Zootaxa*, 1519: 1-16.
- Giraldes, B.W.; Coelho-Filho, P.A. & Coelho, P.A. 2012. Composition and spatial distribution of subtidal Decapoda on the "Reef Coast", northeastern Brazil, evaluated through a low-impact visual census technique. *Nauplius*, 20(2): 187-201.
- Gregati, R.A.; Pinheiro, A.P. & Cobo, V.J. 2006. New records of *Stenopus hispidus* Olivier (Stenopodidae) and *Enoplometopus antillensis* Lütken (Enoplometopidae) in the Southeastern Brazilian coast. *Pan-American Journal of Aquatic Science*, 1(1): 20-23.
- Melo, G.A.S. 1999. Manual de identificação dos Crustacea Decapoda do litoral brasileiro:

Anomura, Thalassinidea, Palinuridea, Astacidea. São Paulo, Plêiade/FAPESP, 551 p.

Espécies Avaliadas no Processo Conduzido pelo ICMBio

Disponível em www.icmbio.gov.br/cepsul

***Enoplometopus antillensis* Lütken, 1865**

Categoria e critério da avaliação: DD

Justificativa: *Enoplometopus antillensis* Lüken, 1865 é encontrada no Oceano Atlântico, nas porções leste, central e ocidental. No Brasil, do Ceará ao sul de Cabo Frio (RJ), incluindo também Atol das Rocas e Fernando de Noronha. Habita águas rasas (principalmente entre 3 – 15 m) e recifes de coral. A espécie é intensamente capturada para fins de aquarioria, alcançando alto valor no mercado internacional. Entretanto, não há informações disponíveis sobre o nível deste impacto sobre a espécie. Desta forma, a espécie foi categorizada como Dados Insuficientes (DD).

Prancha I



Enoplometopus antillensis Lütken, 1865
Foto: J. Rosenfeld